

**UM APROFUNDAMENTO NO USO DO SINGULAR *THEY*
E DA NEOLINGUAGEM NÃO BINÁRIA:
IMPLICAÇÕES E PRECONCEITOS**

Zoe de Miranda Pereira (UniAlphaville e UNIBR)
zoempereira97@gmail.com

RESUMO

A preocupação básica deste estudo é refletir sobre o uso da língua como ferramenta para se lutar por causas sociais, utilizando como exemplo a forma singular do pronome *they* para se referir a pessoas trans não binárias. Serão consideradas outras questões sociolinguísticas e referentes à linguagem e minorias em geral, analisando maneiras positivas e negativas de se usar a língua em contextos sociais. O artigo tratará também de questões relacionadas ao uso do masculino como padrão neutro da língua e seu reflexo na sociedade e em correntes feministas, atravessando diferentes momentos e pontos de vista. Além de apresentar propostas de uso de linguagem neutra, este trabalho irá explorar as capacidades humanas de alterar idiomas para se atingir objetivos sociais e políticos, seja de forma intencional ou não. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, considerando as contribuições de autores como Balhorn (2004), Butler (1997), Conrod (2017; 2018) e Thomason (1998; 2006).

Palavras-chave:

LGBTQIA+. Pronomes. Sociolinguística.

ABSTRACT

The basic concern of this study is to ponder over the use of language as a means to fight for social causes, using as an example the singular form of the pronoun *they* to refer to non-binary trans people. Other sociolinguistic issues and issues related to language and minorities in general will be considered, analyzing positive and negative ways of using language in social contexts. The article will also deal with issues related to the use of the masculine form as a neutral standard in language and its reflection in society and in feminist currents, going through different moments and points of view. In addition to presenting proposals for the use of neutral language, this work will explore the human capacities to change languages to achieve social and political goals, whether intentionally or not. A bibliographic research was carried out, considering the contributions of authors such as Balhorn (2004), Butler (1997), Conrod (2017; 2018) And Thomason (1998; 2006).

Keywords:

LGBTQIA+. Pronouns. Sociolinguistics.

1. Introdução

A preocupação principal deste trabalho será aprofundar em questões relacionadas ao uso da conhecida como “linguagem neutra”, em es-

pecial no inglês, e suas implicações. O pronome *they* do inglês possui diversos usos, seja no singular ou no plural. Entre eles, está o seu uso no singular para se referir a pessoas trans não binárias – aquelas, cujo gênero, segundo o Oxford Learner's Dictionary (2020), não é exatamente “homem” ou “mulher” – que preferirem ser referidas dessa forma. Atualmente, tal opção está em evidência entre suas alternativas, como o *he* genérico/neutro e *he or she* (Cf. CONROD, 2018; BODINE, 1975).

Há uma ligação indissociável, segundo Konnelly e Cowper (2020), entre a recusa em utilizar o pronome *they* do inglês em sua forma singular com o julgamento social negativo às comunidades trans.

O ato de *misgendering* é definido por McLemore (2014) como uma má classificação da identidade de um indivíduo pertencente ao espectro transgênero, como, por exemplo, o uso de um pronome incorreto ou atribuir um gênero a um nome que, na verdade seria neutro. Seus estudos revelam ainda desconforto psicológico e sentimentos de estigmatização, inferioridade, desvalorização, estresse e invalidação, impactando na autoestima de tal pessoa quanto à sua aparência e interferindo em sua total participação na sociedade, sobretudo quando essa má denominação ocorre de forma intencional.

Neste trabalho, pretende-se analisar também a hipótese, já levantada por Konnelly e Cowper (2020), de que não há uma separação tão nítida entre a gramática e o sentido social, e que o ato de *misgendering* pode ser nocivo a pessoas trans (Cf. MCLEMORE, 2014).

2. *Misgendering e a língua como uma ferramenta para agressões*

Segundo Conrod (2018), além de usar pronomes referentes a um gênero diferente do gênero da pessoa, outras formas de *misgendering* são:

- ✓ *deadnaming*: utilizar o “nome morto” (o nome antigo, inicial, de registro e não mais utilizado por uma pessoa trans)
- ✓ substantivos: *man, woman, girl*, etc.
- ✓ termos de tratamento: *sir, ma'am, miss*, etc.

Em seu estudo *Pronouns and Misgendering* (2018), exemplos de tipos de *misgendering* mencionados foram supor erroneamente (se as pessoas não se conhecem) e força do hábito: acidentalmente usar pronome

mes antigos (se as pessoas já se conhecem). No estudo, foi relatado que somente pessoas trans sofreram *misgendering*, questionando “se isso é um mal entendido comum, por que seria tão assimétrico?” (p. 27) [tradução nossa]. Outra de suas conclusões foi de que as atitudes implícitas de quem comete *misgendering* não são ligadas ao pensamento de que pessoas trans são ruins, mas sim de “eu sei o seu gênero, é esse aqui”.

Em 2017, em *Names Before Pronouns: Variation in Pronominal Reference and Gender*, ao Conrod analisar *tweets* sobre Chelsea Manning (uma mulher trans e figura pública internacional), foi observado que pessoas que utilizam o “nome morto” de uma pessoa trans não respeitam também seus pronomes corretos, e que quando utilizam o nome atual, preferido por uma pessoa trans, os pronomes podem variar. Isso demonstra, conforme Conrod relata, uma diferença entre categorias lexicais, como nomes, e categorias funcionais, como pronomes, em relação ao respeito às identidades de pessoas trans.

Butler (1997), em *Excitable Speech: A Politics of the Performative*, inicia seu trabalho com diversos questionamentos acerca da forma como a linguagem pode nos ferir e sobre como e por que podemos ser reféns dela. Ela sugere que somos dependentes da linguagem mesmo quando tentamos enfrentá-la, e por isso ela tem tanta capacidade de nos ferir.

Quando alegamos ter sido feridos pela linguagem, que tipo de alegação estamos fazendo? Nós atribuímos à linguagem um poder para ferir, e nos posicionamos como objetos de uma trajetória nociva. Alegamos que a língua age, e age contra nós, e a alegação que fizemos mais um exemplo da linguagem, um que busca deter o exemplo anterior. Assim, exercemos o poder da linguagem mesmo quando buscamos combater seu poder, presos em um laço que nenhum ato de censura pode desfazer. Poderia a linguagem nos machucar se nós não fôssemos, em algum sentido, seres linguísticos, seres que precisam da linguagem para ser? É nossa vulnerabilidade à linguagem uma consequência de sermos constituídos dentro de seus termos? Se nós somos formados em linguagem, então esse poder precede e condiciona qualquer decisão que venhamos a tomar sobre isso, insultando-nos desde o princípio, por seu poder precedente. (BUTLER, 1997, p. 12-13) (tradução nossa)

Outros questionamentos de Butler (1997) em sua obra são acerca de por que motivos insultos instigam o medo da morte e a incerteza sobre se uma pessoa sobreviverá, e por que um mero recurso linguístico deveria produzir tal reação. Conrod, em 2018, sugere que uma das atitudes implícitas do ato de *misgendering* é de que pessoas trans não são “realmente” sua identidade de gênero, que é apenas algo artificial. Tal declaração é reforçada por Os Keyes, também em 2018, que afirma: “Sofrer

má denominação de gênero, principalmente quando se ocorre constantemente, reforça que a sociedade não considera o seu gênero ‘real’”.

Considerando as implicações e efeitos do ato de *misgendering*, pode-se apenas concluir que, quanto feito intencionalmente, seu intuito é insultar, desrespeitar e antagonizar. O argumento tradicional de que os pronomes devem se referir ao “sexo biológico” de uma pessoa é incorreto, primeiramente, pois a língua é dinâmica e seu uso em uma época pode mudar para se adaptar a mudanças culturais e novos entendimentos desenvolvidos. Além disso, o próprio uso da linguagem masculina como padrão independentemente do gênero quebra tal argumento, pois, por exemplo, mulheres não são isentas dos efeitos de leis escritas em termos masculinos, pois essas nunca foram interpretadas de forma literal.

3. Possíveis causas e consequências de *misgendering* e *deadnaming*

O uso de linguagem com gênero definido muitas vezes ocorre a partir de suposições feitas com base na aparência de outras pessoas, portanto mesmo defensores do argumento de que pronomes devem se referir ao sexo biológico podem vir a se referir corretamente a pessoas trans que “passarem”⁵⁰. Tal afirmação, portanto, não condiz com o uso real da língua (Cf. MCNAMARAH, 2020).

O sistema de pronomes binários (*he / she*) ao qual as pessoas supostamente devem se adaptar, entretanto, não parece entrar em evidência quando o assunto é discutido.

[...] ativistas trans sugerem que os pronomes *he/she* e *his/her* linguisticamente reforçam um sistema normativo de dois sexos através de suposições de que pessoas trans devem se encaixar em um dos lados desse arranjo binário. Uma falha concordância entre pronome e pessoa, observam, é geralmente tratada como um defeito da pessoa, por ser culpa da falha do indivíduo em expressar seu sexo/identidade de gênero em vez de ser uma deficiência de nosso sistema limitado de pronomes. (WAYNE, 2007, p. 86) (tradução nossa)

Outra justificativa usada para defender o *misgendering* é que sua intenção não é ofender ou desrespeitar. Entretanto, como McNamarah (2020, p. 53) defende: “a intenção é irrelevante quando se sabe que a conduta é, de maneira geral, ofensiva” (tradução nossa). Demais raciocí-

⁵⁰ “Passar” se refere à habilidade de uma pessoa transgênero de ser corretamente percebida como o gênero com que se identifica, e além disso, não ser percebida como transgênero. (HUFFPOST, 2017).

nios, como os de que não é preciso utilizar os pronomes corretos para pessoas trans em determinadas situações, ou mesmo que é aceitável em determinadas situações legais em Los Angeles (EUA).

Mesmo o uso do *he* genérico reforça pensamentos e ações a favor de interpretações masculinas, produzindo imagens masculinas nas mentes de homens e mulheres. Se uma pessoa toma ciência de que a língua tem um efeito na sociedade, os efeitos nocivos do *he* genérico concede um outro argumento para desencorajar seu uso (Cf. GASTIL, 1990).

Ademais, a visão binária de sexo e gênero é conhecidamente imprecisa, mesmo sob uma perspectiva puramente biológica, considerando a vasta gama de condições intersexo (nas quais as pessoas não correspondem aos critérios comuns para a designação de qualquer dos sexos). Considerar que o sexo biológico dita o gênero falha em capturar a essência de pessoas trans, e utilizar essa concepção para desrespeitar a linguagem de tais indivíduos, incluindo o *they* singular, impacta negativamente em sua autoestima e na autenticidade sentida, além de gerar sentimentos de rejeição (Cf. OS KEYES, 2018).

A imposição de um nome, que não condiz com sua identidade, a alguém se configura como um ato de cunho degradante e desumano, pois nega a esse alguém o direito de existir. Existir não no sentido literal da palavra, de ter existência durante um período de tempo, mas existir num sentido figurado de ter existência real, de ter importância. Ou seja, impor ao um (sic) homem trans que se chama João, por exemplo, que o nome dele é Maria é esvaziar sua existência, pois Maria não existe. (DE QUEIROZ; DE ALMEIDA, 2016, p. 252)

Segundo a matéria “Beyond ‘he’ and ‘she’: The rise of non-binary pronouns”, da BBC News em 2015, nem todos os professores universitários estavam prontos para a implementação da opção de informar os pronomes favoritos nos sistemas de algumas universidades estadunidenses, alguns, inclusive, acharam que *they* era um erro de digitação em seus quadros de alunos. Apesar de também ocorrer em universidades estadunidenses, o *deadnaming* é menos comum que *misgendering* com pronomes, que chega a fazer alunos que preferem *they* utilizarem *he* ou *she* quando percebem que seus professores não compreendem o uso de pronomes neutros. Outra ocorrência é de alunos que preferem sequer informar seus pronomes preferidos nos sistemas das universidades, para evitar inconvenientes com professores. A matéria informa um caso de estudante antecedente à implementação dos pronomes preferidos nos sistemas das universidades, onde era necessário enviar *e-mails* ou visitar professores em seus horários de expediente para explicar sobre sua identidade e seus

pronomes. Outra alternativa era levantar o assunto durante alguma aula, o que poderia não ser confortável para muitas pessoas trans.

4. Mudando a língua para mudar o mundo: Alterações intencionais na língua

Thomason (2006) conclui que adultos são capazes de inventar novas palavras e novos significados para palavras antigas, adicionando formas inovadoras ao seu idioma e substituindo palavras antigas por novas. Conseguem não somente modificar regras gramaticais ínfimas, mas podem também implementar mudanças muito mais elaboradas às suas línguas, incluindo distorções lexicais e mudanças estruturais substanciais. Em casos extremos, afirma a professora, essas alterações ocorrem de forma consciente, deliberada e, em alguns casos, articulada, de forma mais sucedida em comunidades linguísticas menores.

Modificações lexicais são geralmente consideradas triviais por não afetarem a estrutura de um idioma, e mesmo linguistas que acreditam que é possível se fazer alterações estruturais deliberadamente supõem que seus efeitos serão mínimos. Thomason (1998), porém, sugere que a questão da possibilidade linguística de mudança, nesse caso intencional, é estabelecida no momento em que uma única pessoa produz uma única mudança uma única vez, e a permanência e a disseminação dessa são questões de probabilidade (e não possibilidade).

De um ponto de vista psicossocial, a informalização da língua não reflete uma fraqueza do controle mental de um indivíduo, mas sim um fortalecimento perante tantas opções em um clima social informal e desestruturado (Cf. ELIAS *apud* MAIR, 2015, p.7). A coloquialização das normas do inglês escrito, segundo Mair (2015), é um fenômeno que engloba dois componentes interligados: a informalidade genuína, um jeito mais ou menos inconsciente de representar a língua falada na escrita, e a antiformalidade, conscientemente implantar marcadores estilísticos para diminuir o grau de formalidade de um texto.

A ressignificação de palavras de forma positiva pode ocorrer com a apropriação de palavras outrora ofensivas, como é o exemplo de *queer*, de cunho homofóbico (Cf. BUTLER *apud* OLIVEIRA; PINTO; PENA; COSTA, 2009, p. 10), e também com a atualização de um significado já impreciso, como o da palavra *bisexual*, cuja definição binária (excluindo a atração por pessoas não binárias) pode não refletir a forma como muitas

pessoas bissexuais se enxergam (Cf. DAX, 2017). Da mesma forma, o pronome *they* está sofrendo mudanças em seu significado. Mesmo que seu sentido de gênero indefinido esteja consolidado na língua inglesa há séculos (BALHORN, 2004), referir-se a uma pessoa de forma singular definida utilizando o *they* para condizer com sua não binaridade de gênero ainda é uma novidade (Cf. CONROD, 2018).

Em entrevistas mais recentes, Judith Butler reforça a importância e os impactos da língua ao se referir a pessoas trans e a questões de gênero em geral, reafirmando seu apoio ao respeito à dignidade de indivíduos trans, em contraste aos discursos TERF⁵¹, que utilizam a língua como uma das ferramentas para atacar pessoas trans. Butler explica, também, que ao dizer que gênero é performativo, ela não quis dizer que é uma ficção ou que o que uma pessoa sente como seu gênero é “irreal”, e sim expandir o que já se sabia sobre o que realidades de gênero poderiam ser (*The Trans Advocate*, 2014) (*New Statesman*, 2020) (Cf. RNZ, 2020).

A manipulação (ou a não manipulação) do texto ao transmitir informações é outra das formas de utilizá-lo para advogar por causas políticas e sociais, não somente no que diz respeito a pessoas trans. Tal manipulação pode ser utilizada também de forma negativa, para distorcer a realidade e gerar informações falsas ou que induzem ao erro. Franco (2014), por exemplo, denunciou, entre outras coisas, que execuções sumárias em favelas do Rio de Janeiro foram noticiadas como “confrontos armados entre policiais e traficantes”. Tal prática é uma amostra da influência das línguas, e não somente da língua inglesa, e da gravidade do que sua manipulação é capaz de gerar. Casos de *fake news* também são alvo de diversos estudos, porém tal debate atualmente não pertence somente ao ambiente acadêmico. Como defende McNair (2017), *fake news* não são meramente um problema cultural isolado, mas surgem de tendências políticas e sociais, e contribuem para elas, nas sociedades do século XXI.

5. Considerações finais

Neste trabalho foram analisadas opções de comunicação neutra e não binária em inglês (e suas possíveis traduções para o português), além de investigados motivos, origens, históricos, preconceitos, exemplos e consequências de seu uso. Com base no que foi estudado, nota-se que o uso de *they* como pronome neutro singular sofre resistência por parte da

⁵¹ Trans-Excludent Radical Feminist, ou feminista radical trans-excludente.

sociedade em geral, principalmente por quem acredita em uma gramática normativa obrigatória. Tal relutância não se dá unicamente pelas estruturas e vocábulos que seriam afetados, mas também por questões políticas, sociais e culturais, além de preconceitos e indisposições em respeitar o novo.

Um exemplo dessa discordância foi a reação ao Colégio Liceu Franco-Brasileiro, do Rio de Janeiro, quando este optou por permitir que seus profissionais utilizassem tratamento neutro em português para com seus alunos, em oposição ao machismo e em respeito a estudantes que não se encaixam no binário de gênero. A expressão “queridos alunos” foi a mais destacada em manchetes sobre o assunto. Parlamentares conservadores da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro até mesmo apresentaram um projeto de lei para proibir o uso de linguagem neutra em instituições de ensino públicas ou privadas, assim como em editais de concursos, alegando “dilapidação do patrimônio gramatical”. (Diário do Rio, 2020) (Projeto de Lei Nº 3325/2020, ALERJ, 2020).

A neutralidade da língua não é o primeiro nem será o último tema a ser polemizado. A *Oxford comma*, por exemplo, é outro tema linguístico debatido na contemporaneidade (The Observer, 2020) (The Daily Californian, 2020).

As diferentes línguas, como observado neste artigo, já sofreram mudanças e continuam a mudar em prol das pessoas que as utilizam, e a vontade de seus falantes no decorrer dos séculos é o que define o que uma língua se tornará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALHORN, Mark. *The Rise of Epicene They*. University of Wisconsin-Stevens Point, 2004. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1008.5081&rep=rep1&type=pdf>.

BODINE, Ann. *Androcentrism in Prescriptive Grammar: Singular ‘They’, Sex-Indefinite ‘He’, and ‘He or She’*, *Language in Society*, 1975. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Androcentrism-in-prescriptive-grammar%3A-singular-and-Bodine/328b81dbcbeba4bf5c7210de59778004c96f57f5>.

BUTLER, Judith. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*, Nova Iorque, 1997. Disponível em: https://monoskop.org/images/5/54/Butler_Judith_Excitable_Speech_A_Politics_of_the_Performative_1997.pdf.

CONROD, Kirby. *Names Before Pronouns: Variation in Pronominal Reference and Gender*, University of Washington, 2017. Disponível em: http://blogs.ubc.ca/nwlc33/files/2017/04/Conrod_names_before_pronouns.pdf.

_____. *Changes in singular they*, University of Washington, 2018. Disponível em: <http://www.kirbyconrod.com/assets/CHANGES%20IN%20SINGULAR%20THEY.pdf>.

_____. *Pronouns and Misgendering*, University of Washington, 2018. Disponível em: <http://www.kirbyconrod.com/assets/nwav-misgendering.pdf>.

DAX, Zane. *Binaries and Bisexuality*, University of Lethbridge, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318137331>.

DE QUEIROZ, Gustavo Lemes; DE ALMEIDA, Victor Afonso. Capítulo 24 O Que É Nome Social?, 2016. Disponível em: www.researchgate.net/publication/319059765.

FRANCO, Marielle. UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio De Janeiro, Universidade Federal Fluminense Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo Programa de Pós-graduação em Administração, 2014. Disponível em: [https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle %20Franco.pdf](https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle%20Franco.pdf).

GASTIL, John. Generic pronouns and sexist language: The oxymoronic character of masculine generics. *Sex Roles*, 23(11), p. 629-43, 1990. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/226958099>.

KONNELLY, Lex; COWPER, Elizabeth. Gender diversity and morphosyntax: An account of singular they. *Glossa a journal of general linguistics*, 5(1), 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341027823>.

MAIR, Christian. *Parallel corpora: A real-time approach to the study of language change in progress. Corpus-based studies in English*, 1997. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276549114>.

MCLEMORE, Kevin A. Experiences with Misgendering: Identity Misclassification of Transgender Spectrum Individuals. *Self and Identity*, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265012891>.

MCMAHON, April M. S. Understanding Language Change, University of Cambridge, 1994. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/plu gin-file.php/5670803/mod_resource/content/1/April%20M.%20S.%20McMahon%20-%20Understanding%20Language%20Change.pdf.

MCNAIR, Brian. Fake News: Falsehood, Fabrication and Fantasy in Journalism, Routledge Focus, 2017.

MCNAMARAH, Chan Tov. Misgendering as Misconduct, Discourse, UCLA, 2020. Disponível em: <https://www.uclalawreview.org/misgendering-as-misconduct>.

OLIVEIRA, João Manuel de; PINTO, Pedro; PENA, Cristiana; COSTA, Carlos Gonçalves. Feminismos queer: disjunções, articulações e ressignificações. *Ex aequo* [online]. 2009, n. 20, p. 13-27. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000200003&lng=pt&nrm=isso.

THOMASON, Sarah G. Speakers' Choices In Language Change. *Studies in the Linguistic Sciences*, v. 29, n. 2, 1998. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/32963188>.

_____. Intentional Language Change. *Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd edn., v. 6, p. 346-349, University of Michigan, 2006. Disponível em: <http://www-personal.umich.edu/~thomason/temp/intentch.pdf>.

WAYNE, Linda D. Neutral Pronouns: A Modest Proposal Whose Time Has Come. *Resources for Feminist Research*, v. 32, n. 3-4, 2007, p. 202. Disponível em: <https://cws.journals.yorku.ca/index.php/cws/article/viewFile/6122/5310>.

Outras fontes:

Ap style is wrong. We should be using oxford commas, the observer, opinion, 26/02/2020. Disponível em: <https://cwuobserver.com/14614/opinion/ap-style-is-wrong-we-should-be-using-oxford-commas>.

Beyond ‘he’ and ‘she’: The rise of non-binary pronouns. BBC News, 07/12/2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-34901704>.

Colégio franco-brasileiro adota ‘neutralização de gênero’ em vocabulário: ‘queridas alunes’. diário do rio, cidade, 11/11/2020. disponível em: <https://diario.dorio.com/colégio-franco-brasileiro-adota-neutra-lizacao-de-genero-em-vocabulario-queridas-alunes>.

Deputados do psl querem impedir uso de gênero neutro em escola particular do rio. diário do rio, política, ALERJ, 12/11/2020. disponível em: <https://diario.dorio.com/deputados-do-psl-querem-impedir-uso-de-genero-neutro-em-escola-particular-do-rio>

Feminist philosopher Judith Butler: why gender still causes trouble. RNZ, Life and Society, Saturday Morning, 17/10/2020. Disponível em: <https://www.rnz.co.nz/national/programmes/saturday/audio/2018768768/feminist-philosopher-judith-butler-why-gender-still-causes-trouble>

Gender Performance: The Transadvocate Interviews Judith Butler. The Transadvocate, 01/05/2014. Disponível em: https://www.transadvocate.com/gender-performance-the-transadvocate-interviews-judith-butler_n_13652.htm.

Projeto de Lei Nº 3325/2020. Proposições 2019/2023, ALERJ, 12/11/2020. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/02ac6f279b568e24832566ec0018d839/22e138b53c70ad770325861d005d40a9?OpenDocument>.

OS KEYES. The Misgendering Machines: Trans/HCI Implications of Automatic Gender Recognition, University of Washington, 2018. Disponível em: https://ironholds.org/resources/papers/agr_paper.pdf.

The case against the Oxford Comma, The Daily Californian, Strikeout, 28/02/2020. Disponível em: <https://www.dailycal.org/2020/02/28/the-case-against-the-oxford-comma>.

THE NEW STATESMAN. Judith Butler on the culture wars, JK Rowling and living in “anti-intellectual times”. NewStatesman, 22/09/2020. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/international/2020/09/judith-butler-culture-wars-jk-rowling-and-living-anti-intellectual-times>.

what does “passing” mean within the transgender community? huffpost, 06/10/2017. disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/what-does->

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

passing-mean-within-the-transgender-community_b_593b
85e9e4b014ae8c69e099.